

Ronan Alves Pereira. *Possessão por espírito e inovação cultural: a experiência das japonesas Miki Nakayama e Nao Deguchi.* São Paulo, Aliança Cultural Brasil-Japão, Massao Ohno/Editores, 1ª edição, 1992, 198 pp.

Paula Andréa Costa
Graduanda em Ciências Sociais - USP

Ronan Alves Pereira apresenta nesse livro o resultado de sua tese de mestrado, a primeira defendida por um ocidental no departamento de Antropologia Cultural da Universidade de Tóquio (Japão), onde estudou por cinco anos (1985-1990).

Nesse trabalho o autor analisa a experiência religiosa das japonesas Miki Nakayama (1798-1887) e Nao Deguchi (1836-1918), que passaram pela “possessão espiritual” e, a partir deste fato, fundaram as religiões *Tenrikyô* [Ensinamento da Verdade Divina] e *Oomoto* [A Grande Origem], respectivamente, no final do século passado.

Ambas as religiões (ou grupos religiosos) estudadas por Ronan se inserem na categoria das chamadas “novas religiões” *shin-shukyô* ou “religiões surgidas recentemente” *shinkô-shukyô*. O autor, a fim de apresentar os antecedentes etnográficos (contexto sócio-religioso e histórico) do qual emergiram tanto a *Tenrikyô* como a *Oomoto*, realiza uma descrição bastante abrangente da religiosidade japonesa, relacionando as religiões tradicionais do Japão (xintoísmo, budismo, confucionismo, taoísmo, além das chamadas “crenças populares”) aos movimentos religiosos japoneses incluídos na categoria das “novas religiões”, o que traz ao público brasileiro, em geral, informações preciosas acerca da religiosidade japonesa e de seu processo de desenvolvimento após a Segunda Guerra Mundial.

O autor se utiliza do método da “história de vida”, mas não se detém em uma mera descrição biográfica das vidas de Miki Nakayama e Nao Deguchi. Ao contrário, busca na história da vida dessas duas mulheres elementos que venham reiterar a questão básica que perpassa sua obra, ou seja, de que todo indivíduo, potencialmente, é um “inovador” da cultura em que vive, princi-

palmente quando este indivíduo se encontra em um “estado especial de consciência” (transe, visões oníricas, alucinação etc.).

As experiências possessionais de Miki Nakayama e Nao Deguchi são apresentadas em estreita associação com o xamanismo japonês, o que leva o autor a efetuar uma bem elaborada análise do que aponta como a “clássica controvérsia acadêmica” sobre a definição e diferenças entre “xamanismo” e “posseção por espírito”. Sobre este assunto, a conclusão de Ronan é a de que as pessoas que passam pela experiência relacionada ao complexo “xamanismo-posseção” tanto podem usufruir um dispositivo benéfico em relação a seu estado possessional, como podem expressar, por meio deste mesmo estado, uma manifestação psicopatológica.

Ronan ressalta o fato de que “xamãs”, “médiums”, “pessoas em transe” e similares não possuem necessariamente o mesmo tipo de personalidade e nem mesmo de padrão de vida e de “iniciação”, apesar de não descartar a possibilidade da “experiência possessional” ser uma manifestação de desordem psíquica.

Os casos de Miki Nakayama e Nao Deguchi, segundo o autor, foram diagnosticados por alguns psicopatologistas japoneses como casos de “paranóia” e “histeria”, mas Ronan não corrobora tal avaliação. Ao contrário, demonstra como esses casos de posseção espiritual foram bem-sucedidos à medida que as duas japonesas não apenas expressaram suas necessidades interiores em um idioma compreensível às pessoas de seus meios sociais, como fizeram de suas experiências possessionais o ponto de partida para a formação de novos grupos religiosos.

Voltamos, assim, ao cerne do livro de Ronan, quando o autor aponta que pessoas que passam por experiências relacionadas ao complexo “xamanismo-posseção” (sejam elas saudáveis ou não) podem não apenas usufruir positivamente esta experiência, como podem, também, “inovar” a cultura na qual vivem por meio da própria experiência possessional.

É justamente sob este prisma que Ronan analisa os casos de Miki Nakayama e Nao Deguchi, demonstrando que, por terem vivenciado a mudança da época feudal Tokugawa (1600-1868) para a modernidade passando pela Revolução Meiji (1868), viveram em um período no qual, entre o povo comum japonês, havia um desejo generalizado de “renovação do mundo”. Neste sentido, Miki Nakayama e Nao Deguchi foram capazes de “inovar” a cultura em que vive-

ram na medida em que a experiência de “possessão espiritual” por que passaram não apenas as levou a uma transformação radical de suas vidas pessoais (micromudança), como também acarretou a fundação de movimentos religiosos que apresentaram respostas (em um sentido espiritual) ao desejo de “renovação do mundo” dos japoneses da época. Assim, ao fundarem movimentos religiosos, elas “inovaram” sua cultura, porque criaram “novas” doutrinas, visões de mundo, simbolismos etc. O que significa que, se elas não mudaram a totalidade da sociedade, ao menos “revitalizaram” parte dela (macromudança). É esta correlação entre a “micromudança” e a “macromudança” que o autor enfatiza nos casos estudados como sendo de fundamental importância para o entendimento da “inovação cultural”.

No final do livro, Ronan apresenta oito apêndices, nos quais descreve as histórias da *Tenrikyô* e *Oomoto* no Japão e no Brasil, as genealogias parciais das famílias Nakayama e Deguchi, as principais religiões derivadas ou influenciadas pela *Tenrikyô* e pela *Oomoto*, um mapa da área de Kansai, tabelas relativas ao xintoísmo sectário e às novas religiões japonesas, além de ilustrações de momentos importantes nas vidas de Miki Nakayama e Nao Deguchi. Os dados fornecidos pelo autor nesses apêndices não apenas enriquecem seu trabalho como o transformam em uma leitura praticamente obrigatória aos estudiosos brasileiros das novas religiões japonesas.

Concluindo, o livro de Ronan é mais que um mergulho no universo religioso japonês, porque, se por um lado é um trabalho de análise de dois movimentos religiosos específicos (*Tenrikyô* e *Oomoto*) e da maneira como se originaram (vidas de Miki Nakayama e Nao Deguchi), por outro levanta questões pertinentes aos antropólogos em seus estudos sobre religiosidade e cultura. Um livro bem escrito e estruturado, no qual percorremos, junto com o autor, as intrincadas “vias” da religiosidade japonesa, acompanhando as vidas de Miki Nakayama e Nao Deguchi.